

A escrita de si e o funcionamento imaginário atuante no gesto de comentar no Facebook*

Writing of the self and effective imaginary functioning in the gesture of commenting on Facebook

Gustavo Haiden de LACERDA (UEM)
gustavo.haiden@gmail.com

Recebido em: 03 de dez. de 2020.
Aceito em: 08 de set. de 2021.

*Este trabalho resulta de uma pesquisa realizada pelo autor em nível de iniciação científica, em projeto intitulado “Troco likes: movimentos de (des/contra)identificação online – sujeito e sentido em constituição digital”, financiado pela Fundação Araucária.

LACERDA, Gustavo Haiden de. A escrita de si e o funcionamento imaginário atuante no gesto de comentar no Facebook. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2171, p. 296-316, set.-dez./2021. DOI: 10.22168/2237-6321-32171.

Resumo: Este artigo tem por objetivo compreender o funcionamento discursivo dos comentários no Facebook, ou ainda, apreender o funcionamento do imaginário de comentar nessa rede social. Para tanto, recortamos a postagem de um vídeo da página “Quebrando o Tabu”, especificamente os comentários a essa publicação. Com base nos postulados da Análise de Discurso pecheuxtiana, bem como recorrendo a alguns conceitos do quadro teórico da Psicanálise lacaniana, foi possível compreender que, regidos por um imaginário de “interagir em rede”, os comentários produzem efeitos de identificação do sujeito a seu discurso pela via do outro, conferindo ao discurso efeitos de unidade, no entanto, contraditórios.

Palavras-chave: Discurso Digital. Imaginário. Comentários. Sujeito. Alteridade.

Abstract: This paper aims at comprehending the discursive functioning of comments on Facebook, that is, it aims at apprehending the imaginary functioning of commenting on this social medium. Therefore, a video posted on “Quebrando o Tabu” was selected, specifically the comments to this post. Grounded on the Discourse Analysis developed by Michel Pêcheux, as well as recurring to some concepts from Lacan’s Psychoanalysis theoretical framework, it was possible to comprehend that comments, under the imaginary of what it means “to interact on-line”, produce effects of identification in which the subject attaches itself, through the *other*, to a unity effect that is actually paradoxical.

Keywords: Digital Discourse. Imaginary. Comments. Subject. Otherness.

Apontamentos iniciais

Este artigo sugere uma interface entre Psicanálise, de base lacaniana, e Análise de Discurso (AD), notadamente aquela oriunda dos trabalhos de Michel Pêcheux. Um tal diálogo já havia sido indicado pelo próprio Pêcheux (1995 [1978]), ao fazer referência à “Tríplice Aliança” teórica entre Materialismo, Psicanálise e Linguística. Mas não um diálogo que produz síntese, posto que as dissemelhanças teóricas não se apagam: “quando utilizamos aqui conceitos elaborados por J. Lacan, estamos separando-os da reinscrição idealista de sua elaboração” (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 139), confrontando os postulados psicanalíticos com as teses do materialismo histórico. Note-se, de partida, que Psicanálise e AD não são quadros teóricos simétricos e seus objetivos e métodos não são equivalentes. Apostamos, então, na produção de interferências de um campo sobre o outro, particularmente na releitura de alguns conceitos psicanalíticos pelas lentes da AD.

Com isso em mente, para o presente trabalho, desenvolvemos uma retomada da noção de imaginário, tanto em sua conceituação em Lacan (1996; 2003), quanto na releitura discursiva operada por Pêcheux (1995; 1996) e Orlandi (2008). Essa opção teórico-metodológica dá condições de atrelarmos um funcionamento específico do imaginário atuante nas redes sociais virtuais, de modo geral, e nos comentários de postagens no *Facebook*, de modo específico para este estudo. Ou seja, tomamos o imaginário como instância da produção de efeitos de sentido também nas práticas discursivas que tomam lugar em espaços enunciativos digitais.

Serão tratados vários conceitos pertinentes à AD, que costuraremos nas análises de comentários no *Facebook*, com vistas a compreender como funciona o imaginário de comentar nessa rede social, por meio da marcação de si pela escrita. Em face desse objetivo geral,

procederemos a algumas discussões nas seções que seguem para (i) entender o funcionamento do imaginário em AD, (ii) refletir sobre como essa instância imaginária afeta/é afetada pela discursividade digital (DIAS, 2018) e (iii) o que compreendemos, nos estudos do discurso, por escrita de si e, novamente, como essa escrita encontra-se atualmente circunstanciada pelo digital. Esses procedimentos visam à análise da seção final, dos comentários no *Facebook* propriamente.

O funcionamento do imaginário: entre Psicanálise e Análise de Discurso

A releitura operada por Lacan a partir dos trabalhos de Sigmund Freud trouxe um novo fôlego para a Psicanálise nos meados do século XX. De acordo com Fink (1998), a réplica de Lacan a Freud está calcada no reconhecimento do “Outro como linguagem” (FINK, 1998, p. 23), sendo o inconsciente definido como “o discurso do Outro” (FINK, 1998, p. 20). Destaca-se, na empreitada lacaniana, a aproximação com os estudos da Linguística, nas figuras de Ferdinand Saussure e Roman Jakobson. Lacan encontrou nos estudos linguísticos da época um novo ponto de partida para apreender o sujeito, a saber, a linguagem. Obviamente, não se tratou de um empréstimo de conceitos, mas de uma transformação a partir de sua visão de psicanalista.

Essa aproximação com a Linguística aponta também para a influência do estruturalismo na obra de Lacan (SAFATLE, 2007), sendo ele próprio considerado, por vezes, um expoente dessa corrente. Assim, ele pôde reformular a hipótese do inconsciente, considerando-o uma estrutura, conforme o conhecido postulado de que “o inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1988, p. 139).

Nessa descrição estrutural do inconsciente, o psicanalista francês sugere uma tripartição, três instâncias interdependentes constitutivas do inconsciente, sendo elas: o real, o simbólico e o imaginário¹. Assumindo o risco de reduzir uma questão teórica complexa, podemos dizer que o real é o lugar da falta, é aquilo que não existe, mas que *ex-siste*, ou seja, que existe fora de nossa apreensão da realidade, daquilo que resiste a qualquer totalização; o simbólico é o registro da estrutura, da linguagem, o lugar do significante da falta,

¹ Vale ressaltar que essas noções passam por diversas reformulações na obra e no ensino de Lacan ao longo dos anos.

isto é, daquilo que fala para contornar a falta, estratificando o real; e o imaginário é o lugar da identificação do sujeito, tamponando essa falta. Tal estruturação do inconsciente não é estanque, mas interdependente, cada instância relacionando-se e amarrando-se às outras, como na figura do nó borromeano.

Como comentamos inicialmente, para os propósitos deste artigo, enfocaremos o nível imaginário, tecendo mais algumas considerações. Para Lacan (2003, p. 71), o imaginário tem função de fixação de sentidos, isto é, não é o real, mas opera com ele, ou melhor, sobre ele, produzindo seus efeitos de realidade. Essa é a instância do engodo da identificação, da semelhança, do “Ideal do Eu”.

Safatle (2007) propõe o imaginário enquanto um complexo de imagens que guiam nossa relação com os outros e conosco mesmos, relação nunca neutra, porque está atuando ali o desejo do sujeito. Para Fink (1998), o imaginário não se reduz a uma farsa; na verdade, ele produz relações a partir de oposições (mesmo/diferente; amor/ódio). Sendo relativo a diferenças e oposições, o imaginário está, portanto, referido ao simbólico, ao mundo da linguagem, aos significantes que existem na e pela diferença, um sendo o que o outro não é. O simbólico – a cadeia significante – corta o real, tornando-o uma superfície (o apelo topológico é fortemente explorado por Lacan), ou seja, o significante tenta delimitar o real, inscrevê-lo em um espaço determinado. Mas o significante necessariamente falha, porque, sendo o real “o que retorna sempre ao mesmo lugar” (LACAN, 2003, p. 348), o simbólico não pode contê-lo. Em outras palavras, se o significante fala (faz falar), o real cala (faz calar).

Por imaginário, então, entende-se o registro do “eu” (*moi*) do sujeito, de sua imagem. Embora relacionado ao estágio do espelho, o imaginário não se reduz a ele. Com efeito, ele diz respeito a toda série de identificações que afetam o sujeito ao longo de sua existência, que lhe conferem uma unidade imaginária; em outras palavras, configura a função do eu para o sujeito, saturando-a. Tentando frustradamente “fazer-um”, localizar-se em sua aparente unidade, o sujeito encontra-se dividido entre seu desejo e seu ideal.

É nesse horizonte, partindo de alguns postulados da Psicanálise, que a AD virá intervir teoricamente, confrontando a instância imaginária com o discurso. Observamos essa intervenção pela redefinição discursiva de ideologia. Pêcheux (1996), na esteira althusseriana, aponta a interpelação ideológica como um processo que

faz sujeito no não-sujeito, oferecendo-lhe uma rede de evidências que assume como obviedades, particularmente o efeito ideológico elementar, a saber, o reconhecimento e o desconhecimento de si (“é obvio que eu sou eu”). Afastado de uma visão que reduz ideologia a uma “ocultação da realidade”, o redimensionamento discursivo de tal noção possibilita notar que a ideologia “enquanto ‘representação’ imaginária, está, por essa razão, necessariamente subordinada às forças materiais ‘que dirigem os homens’” (PÊCHEUX, 1995, p. 73). Ao ser inscrita no campo da AD, a ideologia é pensada como relação necessária da linguagem com o mundo, donde não poderemos reduzi-la a uma ideia, ou a uma mera ocultação; devemos, sim, tomá-la como força material na história.

Assumindo a referência ao materialismo histórico, a noção de *ideologia* é aproximada por Orlandi (2008) ao imaginário. Ou melhor, a ideologia passa a ser compreendida como uma forma de funcionamento do imaginário nas relações discursivas. Nos termos da autora, “a ideologia pode ser compreendida como a direção nos *processos de significação*, direção essa que se sustenta no fato de que o *imaginário* que institui as relações discursivas (em uma palavra, o discursivo) é *político*” (ORLANDI, 2008, p. 43, *grifos nossos*). Isso ressoa no sentido de imaginário proposto por Safatle (2007), como um “complexo de imagens” que direciona nosso olhar sobre a realidade, instituindo ali um (“O”) sentido.

É nessa direção que sustentamos, aqui, a interface AD-Psicanálise, precisamente no ponto em que a ideologia, cuja materialidade acessamos via discurso, representa um funcionamento do imaginário no discurso, imprimindo nele um efeito de sentido evidente, uma unidade significativa fundadora de totalidade, para o sentido e para o sujeito. Nas palavras de Orlandi (2008, p. 43, *grifos da autora*),

podemos dizer que a ideologia não é dissimulação, mas *interpretação* do sentido (em uma direção). Não se relaciona à *falta*, mas, ao contrário, ao *excesso*: é o preenchimento, a saturação, a completude que produz o efeito da evidência, porque se assenta sobre o mesmo, o já-lá.

Em uma visada discursiva, o imaginário tem a ver com a interpretação e com os efeitos de sentido que daí decorrem. Tem a ver também com a necessidade que temos de significar o mundo ao nosso redor, de torná-lo apreensível, o que implica a produção de efeitos de sentido estáveis, determinados, delimitados. No fundo, desejo de completude.

Por esse breve contorno com que iniciamos este artigo, tencionamos apontar para o procedimento de análise que desenvolveremos mais adiante: questionando sua estabilidade, devolvemos certa opacidade aos sentidos, não ultrapassando o nível imaginário, mas confrontando-nos, ainda que de modo evasivo e fugaz, com o real. Real que marca a impossibilidade de totalização; real que retorna sempre e que certifica que não temos controle sobre os sentidos, atestando que o sujeito não é origem de si, mas que se constitui, fragmentariamente, em um complexo de identificações com traços do Outro.

A alteridade na constituição subjetiva

Lacan (1996) postula um momento inicial pelo qual a criança vem a reconhecer-se no Outro (e esquecer-se nele): o estádio do espelho. Nessa fase, escreve o psicanalista, ocorre uma transformação no sujeito, que assume (identifica) para si uma imagem, um “eu ideal” (LACAN, 1996, p. 98). Contudo, essa imagem é especular, isto é, produzida em outro lugar (no lugar do Outro), e apresenta, por conseguinte, uma função alienante.

O sujeito, barrado, cindido, toma-se, ao nível imaginário, como imagem de si, sendo esse o seu “desconhecimento fundamental” (LACAN, 2003, p. 428). É pelo estádio do espelho, então, que o sujeito começa a enumerar outros “eus” (o *outro*, com “o” minúsculo), criando a unidade de um todo imaginário. Conforme Roudinesco e Plon (1998, p. 212),

[...] o eu se distingue, como núcleo da instância imaginária, na fase chamada de estádio do espelho. A criança se reconhece em sua própria imagem, caucionada nesse movimento pela presença e pelo olhar do outro (a mãe ou um substituto) que a identifica, que a reconhece simultaneamente nessa imagem. Nesse instante, porém, o eu [je] é como que captado por esse eu [moi] imaginário: de fato, o sujeito, que não sabe o que é, acredita ser aquele eu [moi] a quem vê no espelho. Trata-se de um engodo, é claro, já que o discurso desse eu [moi] é um discurso consciente, que faz “semblante” de ser o único discurso possível do indivíduo, enquanto existe, como que nas entrelinhas, o discurso não controlável do sujeito do inconsciente.

Sobre a identificação, Lacan (2003) afirma que o importante é a relação do sujeito com o significante na experiência de sua fala e de sua escrita. Particularmente, uma experimentação da falta, da incompletude dos sentidos. É ainda Lacan (2003, p. 172) quem escreve que o sujeito

se identifica com um *-a*, isto é, com um objeto marcado pela falta; é dessa ausência que parte o sujeito. E é também essa ausência que “parte” o sujeito, cindindo-o, descentrando-o. Fica patente a presença da alteridade como constitutiva do sujeito. Em termos discursivos, notamos que a exterioridade do dizer não está inteiramente fora, pois é constitutiva do próprio dizer. Segundo Pêcheux (1995), o sujeito se constitui ao identificar-se com os saberes da formação discursiva que o domina no momento de produção de seu discurso.

Ademais, falar a respeito da alteridade e da identidade na estruturação da subjetividade interessa-nos na medida em que os comentários que analisaremos, ao investirem em uma modalidade de escrita que fixa sentidos para o outro, inevitavelmente falam do “eu”, delimitando para si uma posição. De fato, é a partir de um imaginário de estar em rede, de comentar, e afetado pelo discurso do outro, que o sujeito escreverá e publicará seus comentários no *Facebook*.

No que tange à presença da alteridade no funcionamento da linguagem, Pêcheux (2015, p. 150), em nota, escreve que no outro do discurso “se encontra por sua vez assumida a existência de *um* outro (interlocutor, locutor de uma fala relatada, etc.) e a de um Outro (no sentido da fórmula lacaniana ‘O inconsciente é o discurso do Outro’)”, pois a própria linguagem “supõe estruturalmente a existência do outro”. Ou ainda, nas palavras de Dias (2018, p. 155): “falar de si é falar de uma posição-sujeito que é sempre já alteridade”. Para nós, no campo do discurso, o essencial é compreender a tensão entre o mesmo e o diferente. Vamos deter-nos um pouco mais a respeito disso na seção que segue.

Esses movimentos de identificação a um discurso-outro, explica Pêcheux (2015, p. 148), mostram que a “presença do *discurso outro* como discurso de um outro e/ou discurso do Outro” está “associada ao fenômeno incontornável em sua heterogeneidade, da presença do discurso outro em toda sequência” (PÊCHEUX, 2015, p. 148). E afirmaríamos que o contrário também é válido: sempre há rastros do sujeito mesmo quando ele fala do outro.

A escrita de si no discurso digital

Para podermos levar a cabo as análises seguintes, mobilizamo-nos em direção a uma compreensão da escrita de si como forma de o sujeito identificar-se com os outros, consigo mesmo e com os sentidos

que produz, além de apontar para o funcionamento da discursividade digital e o que ela implica nesse processo de “escrituração”.

Por escrituração referimo-nos ao que Dias (2018, p. 157) explica enquanto o “efeito de registro ou de uma marca de autenticidade da própria existência do sujeito”, notadamente um processo de subjetivação pelo discurso digital. A escrita de si, esse “dizer-se”, é a atestação para o sujeito de que ele existe em rede. E que existe para os outros, para o olhar do outro. Para Dias (2018), mais uma vez, o sujeito deixa rastros de sua presença no digital, e a “escrituração é o lugar onde esse resíduo pode ser observado (...) pela maneira como a memória se diz, entre a captura do algoritmo e a liberdade do pensamento” (DIAS, 2018, p. 161).

Coracini (2009), por sua vez, propõe falar em *escrit(ur)a*, na linha derridiana, relacionando escrita (gesto de escrever) a escritura (escrita do/no inconsciente), portanto, *escrit(ur)a*, como forma de indicar que toda escrita é tecida de fios de subjetividade. Segundo Coracini (2009), é a inscrição do sujeito na organização de um já(mais)-dito que produz sentido: escrever para inscrever. Não tomamos, aqui, a escrita de si necessariamente como uma escrita memorialística – esta seria apenas uma modalidade de escrita de si. De modo mais abrangente, consideramos que em toda escrita há subjetividade; há a inscrição de um “si”. Nessa escrita, falando de si ou do outro, sempre encontramos capturas de subjetividade evasivas, que se mostram (que se escondem?) numa escrituração em fragmentos. Dito de outro modo, em sua escrita, o sujeito marca-se, deixa resíduos de si, ainda que – e principalmente – de modo inconsciente.

Considerando as formas de identificação pelo discurso digital, Dias (2018, p. 56) escreve que os diferentes dispositivos digitais (como *smartphones*, aplicativos, redes sociais virtuais etc.) integram “novos modos de individuação do sujeito, pelo discurso da tecnologia, da ‘era tecnológica’, da ‘era digital’ (...) a partir do qual o sujeito se identifica e assume posições na sociedade, inscrevendo-se em certas formações discursivas”. Em outras palavras, somente assujeitando-se aos modos de dizer engendrados e regulados pelas tecnologias digitais e pelos algoritmos das diferentes redes é que o sujeito pode se constituir nas condições de produção do discurso digital. E, pela maneira como enxergamos tais condições, é necessário ao sujeito escrever-se, dar-se a ver em rede pela escrituração.

Por meio desse processo, assujeitando-nos ao digital, buscamos ver também ao outro, acessá-lo, bem como enxergar como

o outro nos vê. O que resulta dessa escrita de si é a produção de um efeito-sujeito, efeito de si na relação com o outro. Novamente, é preciso submetermo-nos ao discurso da Rede, ao discurso do Outro, às suas leis, para “ver” a si (lembrando o estádio do espelho).

Escrevendo(-se), sem superar sua falta fundante, o sujeito “tece com palavras as bordas do vazio” (CORACINI, 2009, p. 400). Para nós, a escrituração nas redes sociais, certificação da existência do sujeito para que o outro o veja, atesta que “o ‘dizer de si’ se produz enquanto inscrição do sujeito no mundo” (DIAS, 2018, p. 157), saturação daquilo que lhe falta:

Unidade na dispersão. Mosaico de sujeitos e subjetividades que se constituem nas mídias digitais. Sentidos roubados que constituem a minha narratividade pela alteridade. Eu e o outro, eu e o Outro. Língua, sujeito e história. A narratividade no Facebook é constituída pela dispersão de outros. (DIAS, 2018, p. 164-165).

Assim, o imaginário eficaz que funciona é o de que podemos conversar com todos, responder, comentar, curtir, enfim, interagir indefinidamente. Mas a ilusão do “sem fronteiras” não se sustenta, pois não esqueçamos que o simbólico anda de mãos dadas com o político: “a linguagem é política porque o sentido sempre tem uma direção, é sempre dividido” (ORLANDI, 2008, p. 57). Ainda assim, regidos por esse imaginário de estar em rede, os comentários produzem efeitos de identificação do sujeito a seu discurso, conferindo-lhe aparente unidade. É o que tencionamos mostrar a seguir.

A fal(t)a de si, a fal(t)a do outro: o imaginário de comentar no Facebook

Nosso gesto analítico toma, como *corpus*, recortes de comentários dirigidos a um vídeo publicado por “Quebrando o Tabu”, página no Facebook. Não trataremos do vídeo como tal, em que Manuela D’Ávila lê e discute *fake news* a seu respeito, visto que nossa proposta é analisar o funcionamento dos comentários nessa rede social. Cabe a ressalva, porém, de que o material submetido à análise é apenas um ponto de observação do gesto de comentar. E, note-se bem, comentar sobre uma figura política. Portanto, muito do que se diz está determinado pela natureza (temática, retórica, política...) da postagem.

Sequência Discursiva 1 – Comentários ao vídeo de Manuela D'Ávila no Face





Fonte: Facebook, 2019.

Em nível descritivo, notamos que os comentários assumem função secundária em relação à postagem do vídeo. São textos coadjuvantes em função de um protagonista. O comentário, além disso, parte de uma possibilidade técnica fornecida pelo aparato da mídia social: constitutivo, mas marginal. Em nossa pesquisa, temos investigado o funcionamento discursivo das reações em diferentes redes sociais virtuais, e uma constante nessas redes é a presença de um campo próprio (periférico) ao comentário. Conforme Oliveira (2015, p. 46), o gesto de comentar marca uma dissimetria nas formas de poder-dizer, das relações de força que significam uma postagem: “a centralidade espacial e técnica do vídeo produz uma dominância do dizer do vlogueiro em relação aos comentários”. Ainda que o autor analise o caso exclusivo dos *vlogs* no *Youtube*, podemos observar que o espaço dos comentários no *Facebook* é também secundário, visto que para lê-los é preciso (ainda que alguma “amostra” de comentário possa eventualmente aparecer abaixo do *post*) clicar no ícone “Comentar” e, então, acessar a “caixa de comentários”.

Por outro lado, mesmo que em segundo plano, é preciso assumir a injunção à reação, isto é, a necessidade engendrada pela rede de que todos devem reagir, replicar, publicar. Comentar. Não há lugar para a dúvida, para a hesitação, para o silêncio. Há que se ter uma “opinião” e torná-la pública. O contrário disso representaria uma ameaça ao funcionamento do imaginário de estar em rede: o silêncio é qualificado, então, como ausência de sentido. E mais: sendo a escrituração (DIAS, 2018) a própria materialidade pela qual o sujeito se realiza no digital, o silêncio implicaria também a inexistência do sujeito no discurso das redes.

De forma geral, em nossos estudos, as reações – em suas diferentes formas de realização nas redes sociais virtuais – comungam de uma ilusão imaginária: a de que todos podem conversar (interagir) com todos. Essa visão, diríamos, idealista é encontrada em Lévy (1999, p. 203), por exemplo, ao escrever que “o ciberespaço encoraja uma troca recíproca e comunitária”, opondo as mídias tradicionais (entendidas como mais rígidas e institucionalizadas) às mídias ciberespaciais (entendidas como mais libertadoras). O que nos parece chocar-se com o que o próprio autor afirma mais adiante – “o ciberespaço não muda em nada o fato de que há relações de poder e desigualdades econômicas entre os humanos” (LÉVY, 1999, p. 231) – em que reconhece que a comunicação não se estabelece longe do poder (dizer).

Somos mais tocados por essa segunda afirmação, que traz à baila o fato de que linguagem é também poder, bem como é política, mesmo em ambientes digitais. Em termos discursivos, o comentário é um lugar de discurso polêmico, na acepção que Orlandi (1999) dá à expressão. Ou seja, no campo dos comentários, os sentidos da postagem podem ser explicitamente disputados, sob a forma disjuntiva do “isso ou aquilo”. Nessa medida, os comentários são um campo de batalha, uma arena de confronto, para recuperar a expressão bakhtiniana. Tomando as palavras de Orlandi (1999, p. 86), o discurso polêmico é “aquele em que a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos”.

Avançando na discussão, trazemos Pêcheux (2007 [1983]), ao considerar que as relações de força do dizer sempre atuam na memória, seja para regular, seja para desorganizar os sentidos. No recorte que trazemos, o referente discursivo “Manuela D’Ávila” é disputado nos comentários. Ao identificar-se com uma formação discursiva (uma rede de sentidos) e não outra, os sujeitos-usuários localizam seus dizeres em determinadas posições, que interferem na produção de sentidos sobre Manuela. Operam-se a partir de pré-construídos (já-ditos, saberes sedimentados) a respeito da então deputada, saberes anteriores sobre ela (“vice”; “campanha”; “cristã”). Na esteira do pensamento de Pêcheux (2007, p. 56, *grifo nosso*), a memória (no geral, mas particularmente nos comentários do *Facebook*) atua como “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... *Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos*”. Como nestes comentários:

Comentário 1: Perdemos ela como vice, mas espero que daqui 4 anos a tenhamos como Presidente, pois maravilhosa! (emoji coração)

Comentário 2: Essa galera aí que ama a Manu, já depositaram o dinheiro pra terminar de pagar a campanha???

Comentário 3: Independentemente de fake news...ainda sim... não ganharia jamais meu voto.

Comentário 4: Ela falou que é cristã nesse vídeo mais no programa do roda viva ela falou que não era. ????

Comentário 5: Manu, foi o Brasil que perdeu de ter você como vice-presidenta. Te adoro (emoji coração)

A memória (ou interdiscurso) está na base das formações discursivas (FDs), “como possibilidade mesma do dizer”, determinando a “formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica” (PÊCHEUX, 1995, p. 215). É nessas condições que o sujeito “se escreve” nos comentários, dando a ver a “opinião” que crê ser necessária de publicar, acreditando também que naquele lugar enunciativo, no espaço fixado para comentar, suas palavras farão sentido.

É significativo, pois, que os dois primeiros comentários visíveis – que assumem essa posição pelo número de curtidas e respostas – sejam antagônicos. A divisão dos sentidos é exacerbada logo de início. Além disso, essas posições só podem ser assumidas pela filiação a redes de sentido, identificando-se a uma FD. No contexto dessa postagem, a referência política é marcante e fortemente circunscrita à “pessoa Manuela”, criando dois campos excludentes entre si: aquele dos que apoiam Manuela e aqueles dos que se mostram contrários a ela (à pessoa dela).

Refletimos sobre a “pessoalização” do político atualizada na discussão acerca da “pós-verdade” em outro trabalho (LACERDA; DI RAIMO, 2020). Aqui, no caso específico dos comentários, observamos que a cada resposta a pessoalização se intensifica, num *crescendo*. Do *post* em si, partem os comentários, eles mesmos tornando-se passíveis de *reply* (resposta; réplica), formando um trançado de ramificações, de rizomas. E a cada passo (postagem – comentário – resposta...) o efeito de pessoalização vai crescendo. O “outro” no “outro”. Esquemáticamente:

→ Comentário 1 de x sobre Manuela → “Reply 1.1” de w sobre x sobre Manuela

POST

→ Comentário 2 de y sobre Manuela → “Reply 2.1” de z sobre y sobre Manuela

Se o Comentário 1 é a favor de Manuela, há sempre a possibilidade de o “Reply 1.1” ser contrário a ela. Inversamente, se o Comentário 1 é contra a política em questão, há chances de o “Reply 1.1” defendê-la. Isso já atravessado por um efeito de organização do arquivo em rede. Por exemplo:

Comentário 1: Perdemos ela como vice, mas espero que daqui 4 anos a tenhamos como Presidente, pois maravilhosa! (emoji coração)

□ **Reply 1.1:** (emojis haha)

□ **Reply 1.2:** Só se o Lula deixar

□ **Reply 1.3:** Nunca! Deus é mais

□ **Reply 1.4:** cara vc sonha

□ **Reply 1.5:** Veio vc e normal? Me deu ate vontade de vomitar aqui

...

Comentário 2: Essa galera aí que ama a Manu, já depositaram o dinheiro pra terminar de pagar a campanha???

□ **Reply 2.1:** já paguei sim! E vc é o caixa 2 do salnorabo (emojis haha)

□ **Reply 2.2:** Gado demais

□ **Reply 2.3:** vc ajudou no caixa 2 do Bozo fofa?

□ **Reply 2.4:** O que me intriga é o que uma minion faz num grupo chamado anarquismo

□ **Reply 2.5:** vocês já terminaram de pagar as empresas que dispararam milhares de fake news pra esse saco de merda ser eleito

...

E a listagem poderia se estender. Mas nosso objetivo não é traçar números a fim de atingir quantidades pela exaustão. É, sim, compreender o funcionamento discursivo dos comentários.

Mais adiante, o sujeito-usuário que havia comentado inicialmente (Comentário 2) retorna sobre seu próprio comentário

para sentenciar “#paz”, como se pudesse silenciar os *replies* que não vão ao encontro de sua posição. Mas, sendo o espaço de comentar um ponto de discurso polêmico, os comentários não comportam “paz”; ao contrário, funcionam na e pela tensão. Em matéria de discurso, não há consenso, os sentidos não são capazes de síntese apaziguadora. Contudo, não há também diálogo, interlocução, relação de sentidos: são posições extremadas que entram em choque no espaço contraditório dos comentários. Com efeito, “os fatos se formulam com razões distintas para as pessoas” (LAGAZZI-RODRIGUES, 2006, p. 84), isto é, os dizeres em funcionamento são passíveis de sentidos conflituosos.

Dessa forma, o outro (Manuela), tomado em nível imaginário como tema dos comentários, não produz univocidade; é polêmico. A divisão dos sentidos é efetuada pela identificação do sujeito com o outro (referente discursivo): identifica-se à Manuela e ao que ela representa (como mulher, jornalista, política, “petista”...) ou, ao invés, contra-identifica-se a ela, recusando justamente o que ela representa. (Contra-)Identificações que são tomadas imaginariamente, pelo lado da completude, da saturação dos sentidos. Permanece abafado o caráter incompleto da identificação, necessariamente faltosa, lacunar.

Por esses processos identificatórios, os sujeitos-usuários vão tomando a palavra para discursivizar sobre o outro, quando na verdade seguem escrevendo a si. Falando do outro, falam muito de si, de sua posição no discurso. Talvez falem mais de si do que do outro, uma vez que o enxergam como unidade (imaginária). Um imaginário afetado pelo político, presentificado nos comentários do *Facebook* não pela temática (política) em si, mas pelo fato de que, em AD, o político significa que os sentidos são divididos e disputados.

De modo a fazer sentido nas redes sociais, é imprescindível que antes assumo-se como eficaz o imaginário da interação, da “comunicação todos-todos”, como afirma, não sem certo tom utópico, Lévy (1999, p. 63). Novamente, não assumimos a evidência da “interação”. Não esperamos que a língua afetada pelo digital sirva unicamente para dialogar. Com efeito, a língua é capaz de não-comunicação, postula Pêcheux (1995), ou seja, consegue dividir ao invés de unificar.

Se, como afirmamos no início deste texto, toda identificação só pode se estabelecer com base em algo que o sujeito presume de/ como o desejo do Outro (LACAN, 2003), então toda contra-identificação também está envolvida nessa relação de desejo do Outro. Seguindo a proposta de Starnino (2016), entendemos que a identificação nunca

está longe do afeto, uma vez que, por sermos seres incompletos, estamos sempre a nos identificar com base em coordenadas idealizadas (imaginárias) que moldam nosso desejo – desejo este que supomos nosso, mas que é do Outro. Estendendo essa mesma proposta, argumentamos que a escrita de si, tal como regula a relação do eu com o outro, nos comentários *online*, sustenta uma relação com traços do Outro (e dos outros em rede) mediante uma posição que se estabelece no discurso por jogos de afeto. Um “mínimo de gozo”, nas palavras de Starnino (2016).

As formações imaginárias operantes no *Facebook*, ou seja, as imagens que presidem as interlocuções nessa rede social, baseiam-se sobre o fato de que o sujeito fala (e escreve) para situar-se naquela prática discursiva. Na fala do outro, encontra uma ancoragem para a fala de si. Fal(t)a do outro como possibilidade da fal(t)a de si. Esse imaginário de comentar “reúne os fragmentários de uma vida, possibilitando que uma linha seja traçada, possibilitando uma unidade do sujeito” (DIAS, 2018, p. 165), atando-o a uma identidade que seja sua, a uma escrita que seja “de si”.

Entretanto, reiterando que os sentidos e os sujeitos tendem à falha, que falar está em relação com faltar, não podemos cair no engodo de acreditar que o sujeito pode ser reduzido a seu discurso, ou, nesse caso, a seus comentários. O que podemos fazer, por outro lado, é enxergar o comentário como um vestígio, um índice da presença do sujeito em rede. Pedacos de escrita que não fazem – Um, que não produzem um todo, a não ser ao nível do imaginário. Isto é, o imaginário atuante nos comentários é o de completude pela escrita, escrita que daria conta da “opinião” do sujeito, de tudo o que ele tem a dizer.

O gesto de comentar é parte do ritual de subjetivação pelas redes sociais; elemento integrante do processo de assujeitamento do sujeito às regras do discurso digital. Um sujeito que deve identificar-se ao ritual, isto é, assumir a evidência da interação em rede. Não como ato de vontade, mas por necessidade de submeter-se à ordem do discurso para poder dizer (significar). Identificação complexa, ela mesma lacunar, pois, como afirma Oliveira (2015, p. 38),

Quando se está identificado ao ritual de um tipo [um sentido dominante], a tendência é repeti-lo, apesar do confronto constitutivo com o simbólico e o político que pode sempre produzir deslocamentos em condições determinadas. Um produto-processo que se faz na tensão.

Ao encontro de Pêcheux (1997 [1983], p. 316), quando escreve que a heterogeneidade atesta o “discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou o discurso do sujeito se colocando em cena como outro”, vemos que os comentários analisados têm como condição de possibilidade a alteridade (a postagem em si; o tema da postagem, etc.), a existência de um outro anterior que será constitutivo do comentário. Portanto, o que se comenta já é sempre um dizer-outro sobre a postagem; constitui vindo de fora. Não se dilui, mas permanece marcado como alteridade, de modo que tanto as fotos (avatars) quanto os nomes dos usuários acompanham o que eles comentam.

Como afirma Pêcheux (1996, p. 151, *grifos do autor*), interessa aos estudos do discurso saber como “os indivíduos *aceitam como evidente* o sentido daquilo que ouvem e dizem, leem e escrevem (ou do que *tencionam* dizer e do que se *tenciona* dizer a eles) na condição de ‘sujeitos falantes’”. Com isso em mente, pensando essa evidência assumida pelos sujeitos-comentadores, observamos que, ao escrever e postar seu comentário, eles se inscrevem em um processo do significante na interpelação-identificação: captado na rede de sentidos, o sujeito assume (precisa assumir) como evidente aquilo que escreve.

Entre o excesso e a falta, a escrita dos comentários é um ponto “em que a tensão completude-incompletude se estabiliza na amarração daquilo que escapa (real) e daquilo que se apreende (imaginário)” (DIAS, 2018, p. 167). Manuela D’Ávila é tornada tema para uma série de discussões de ordem política que lhe escapam (estão além e aquém): o debate sobre o caixa dois de Bolsonaro, o “caso Queiroz”, o assassinato de Marielle Franco... Há efeitos de saturação, de excesso, os sentidos parecem se desdobrar em outros, quando na verdade retornam ao mesmo ponto de partida, sem aprofundamento. Mais do mesmo.

O comentário agrega a dispersão de enunciados em torno de acontecimentos diversos, a fim de que constituam argumentos para a luta travada pelo discurso. É nesse ponto que, para nós, o funcionamento do imaginário de comentar aponta para a ideologia que trabalha ali. Orlandi (2008, p. 270) vincula ideologia e imaginário, escrevendo que a AD considera “a ideologia como o processo de produção de um certo imaginário, ou seja, uma interpretação que aparece como necessária e destina sentidos fixos para as palavras, num mesmo contexto sócio-histórico” (ORLANDI, 2008, p. 270). Ideologia como interpretação naturalizada e tornada evidente. Sentidos apreensíveis aos sujeitos que acreditam que podem discutir tudo; e tudo ao mesmo tempo. Os vários

argumentos, seja qual a direção que assumam, em defesa ou em ataque, reduzem os acontecimentos a exemplificações sem profundidade. De fato, caberia no comentário discussão aprofundada? Textão? Debate? A ilusão da interação faz esquecer o monólogo que se trava, ainda que publicamente. Eis o trabalho da ideologia, aparecer como “‘simulação’ (e não ocultação, pois não há nenhum ‘conteúdo escondido’) (...) transparências são construídas para serem interpretadas por determinações históricas que aparecem, no entanto, como evidências empíricas” (ORLANDI, 2008, p. 272).

Sendo a identificação ou a contra-identificação ao discurso do outro o ponto de partida dos comentários trazidos para análise, reforçados pela crescente pessoalização e polarização política, o que uma análise discursiva possibilita é, justamente, observarmos a “insistência de um ‘além’ interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do ‘ego-eu’ enunciador, (...) *estruturar* essa enunciação” (PÊCHEUX, 1997 [1983], p. 316-317, *grifo do autor*). Isso significa que a AD visa a desestabilizar a identificação do plano imaginário, para confrontar-se, ainda que de modo difuso, com o real, isto é, com a dispersão e a contradição dos sentidos e dos sujeitos.

Em síntese, os comentários que analisamos permitem-nos dizer que o gesto de comentar é significado para o sujeito-usuário como lugar de “manifestação de sua opinião”. Manifestação de si, pela escrita, ao falar do outro. Ou ainda, “pontos de identidade nos quais o ‘ego-eu’ se instala” (PÊCHEUX, 1997, p. 317). Contudo – e eis a contradição inerente –, o sujeito não é origem nem possuidor dos sentidos, de modo que, ao disponibilizar suas palavras *online*, ao publicar e fazer circular seus comentários, inaugura-se a possibilidade mesma do confronto, da dissensão, da divisão dos sentidos. Polemicidade. Polissemia: “pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa” (PÊCHEUX, 1997, p. 317).

Considerações finais

Com este texto, propusemos uma interlocução entre AD e Psicanálise, particularmente pela exploração das noções de imaginário (como o registro do “eu”, da completude, da evidência) e de identificação (como um processo imaginário de unificação e identidade), ressignificados nos estudos discursivos pela ideologia, que funciona justamente como elemento constituinte da produção de sentidos evidentes aos sujeitos em determinadas condições sócio-históricas. Assumindo, com Lacan

(2003), que a identificação só se estabelece a partir da alteridade, pudemos recuperar Pêcheux (1995), que aponta para o funcionamento da memória discursiva (interdiscurso) enquanto essa presença de um discurso-outro que irrompe em todo dizer, mobilizando saberes anteriores com os quais o sujeito, em seu discurso, deverá identificar-se, reproduzindo-os ou transformando-os.

Tendo o *Facebook* como espaço enunciativo sob investigação e os comentários nessa rede social como objeto de análise, refletimos que o gesto de comentar institui-se como o lugar de uma escrita de si. Escrita identificável de um “eu” que discursiva sobre um outro, o qual, por seu turno, dá horizonte para a fronteira entre “eu” e “ele”, entre o mesmo e o diferente, não como meros polos opostos, mas indicando que a diferença habita no mesmo, de maneira conflitante. Disso resulta a divisão que marca as práticas de linguagem, que nos comentários designamos por “discurso polêmico” (ORLANDI, 1999), no qual o referente discursivo (no caso analisado, Manuela D’Ávila) é disputado pelos sujeitos, sem produzir consenso; longe disso, a tensão é constitutiva.

Ademais, nos comentários, o outro é tema do discurso para a demarcação da posição do sujeito por meio da escritura(ção). O imaginário que funciona nos comentários, a ideologia que regula as interpretações (a transparência da necessidade de dizer algo; injunção à reação), é o da interação que não produz interlocução, isto é, não há relação de sentido entre sujeitos no discurso. São posições acirradas que se confrontam na mesma região da caixa de comentários. Trata-se de um espaço de agrupamento de discursos que funcionam, na realidade, pela dispersão e, principalmente, pela diferença.

Por fim, tentamos dar consequência à questão levantada por Pêcheux (1997b [1983], p. 317) ao final de “A Análise de Discurso: três épocas”: “Como reconstruir, através desses entrecruzamentos, conjunções e dissociações, o espaço de memória de um corpo sócio-histórico de traços discursivos, atravessado de divisões heterogêneas, de rupturas e de contradições?”. Analisar os comentários, pelo aporte da AD, deu-nos condições de questionar o imaginário de comentar no *Facebook*, atravessado pelo sentido constitutivo de uma “escrita de si”, que revela e/mas esconde o sujeito em suas posições no discurso. Ao mesmo tempo em que são reproduzidos, pelo fato mesmo da circulação pelo digital, esses sentidos permanecem abertos à divisão e à transformação, como um corpo de linguagem heterogeneamente instituído.

Referências

- CORACINI, M. J. Escrita de si, assinatura e criatividade. In: INDURSKY, F.; LEANDRO-FERREIRA, M. C.; MITTMANN, S. (orgs.) **O discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 393-404.
- DIAS, C. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.
- FINK, B. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Trad. de Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.
- LACAN, J. (1955-56). **O Seminário livro 3** – As psicoses. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 97-103.
- LACAN, J. (1961-62). **O Seminário livro 9** – A identificação. Trad. de Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- LACERDA, G. H.; DI RAIMO, L. C. A (pós-)verdade na Filosofia e nos estudos do Discurso. **Claraboia**, Jacarezinho, n.15, p.28-50, jan./jul. 2020.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S. Texto e Autoria. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (orgs.). **Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2006, p. 81-103.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- OLIVEIRA, G. A. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E. P. **Terra à vista** – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, M. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contratempo, 1996, p. 143-152.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 61-161.
- PÊCHEUX, M. A Análise de Discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de

Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b, p. 311-319.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. 2. ed. Trad. de José Horta Nunes. Campinas: Pontes: 2007, p. 49-57.

PÊCHEUX, M. Leitura e memória: projeto de pesquisa. In: **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015, p. 141-150.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Trad. de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAFATLE, V. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007.

STARNINO, A. Sobre identidade e identificação em Psicanálise: um estudo a partir do seminário IX de Jacques Lacan. **Doispontos**, Curitiba e São Carlos, v. 13, n. 3, p. 231-249, 2016.